



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar –
2005/2006**

Garanhuns/PE, 03 de agosto de 2005

Meus queridos e queridas companheiros e companheiras do estado de Pernambuco, de Garanhuns, de Caetés e das cidades vizinhas aqui da região,

Meu querido companheiro governador Jarbas Vasconcelos,

Meu querido companheiro Ronaldo Lessa,

Meu querido companheiro ministro da Educação empossado semana passada, Fernando Haddad,

Meu caro Sérgio Rezende, pernambucano, ministro da Ciência e Tecnologia, que substituiu o nosso querido Eduardo Campos,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu caro Luiz Carlos de Oliveira, prefeito da cidade de Garanhuns,

Meu caro Zé da Luz, prefeito de Caetés,

Meu querido companheiro João Paulo, prefeito de Recife,

Meu caro Roberto Smith, presidente do Banco Nacional do Nordeste,

Meu caro Manoel dos Santos, presidente da Contag,

Minha querida companheira Maria da Graça Amorim, coordenadora da Fetraf,

Meu querido companheiro Jaime Amorim, diretor do MST,

Meus queridos companheiros deputados Eduardo Campos, Fernando Ferro e João Grandão, que é o companheiro grandão que está aqui atrás.

Meu querido companheiro Humberto Costa, nosso ex-ministro da Saúde,



Meu caro Silvado Albino, presidente da Câmara Municipal de Garanhuns,

Senhores secretários estaduais e municipais,

Senhor Jacinto Ferreira, presidente da Conab,

Meu querido companheiro Paulo Okamoto, diretor-presidente do Sebrae. O Paulo não se lembra, mas quando eu vim aqui na primeira campanha, na campanha de 89, eu vim com um companheiro também japonês, o Gushiken, e a criançada chamava ele de Jaspion. Era um desenho japonês que tinha na televisão, porque aqui, Paulo, em Garanhuns, tem muitos como eu, tem franceses, holandeses, alemães, italianos, mas japonês não tem muito aqui não. Mas de qualquer forma...,

Meus queridos prefeitos da região,

Meus queridos vereadores,

Meus irmãos e minhas irmãs de Garanhuns,

Primeiro, eu assumi um compromisso aqui, viu Zé da Luz, que eu vou ter que vir, aqui, numa vinda específica para Caetés, porque embora eu seja nascido em Caetés, em 1952 Caetés era distrito de Garanhuns, e só virou cidade em 1962, portanto eu fui registrado, tive o meu batistério feito aqui na igreja de Garanhuns. Obviamente que sinto orgulho de ser cidadão dessa Suíça nordestina, mas também sinto orgulho de ter nascido na Vargem Comprida, na nossa querida Caetés.

Você viu, Geraldo Freire, que eu conheço a situação aqui.

Mas meus companheiros, minhas companheiras, meus companheiros primos, parentes e aderentes que eu encontrei aqui hoje,

É importante, daqui a pouco nós vamos ter um outro ato em que nós vamos visitar as obras da sonhada extensão da Universidade Rural de Pernambuco para Garanhuns



Eu quero dizer para vocês uma coisa que, para mim, é motivo de orgulho e, para mim, é motivo de afirmação de compromisso. O Pronaf, antes do nosso governo, era um programa de financiamento da agricultura familiar que, toda vez que era anunciado pelo governo federal, 80% dos recursos do Pronaf iam para a região Sul do Brasil, os estados mais organizados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e uma boa parte do Paraná. Chegava muito pouco ao Centro-Oeste do país, chegava muito pouco ao Nordeste do país, e não chegava quase nada ao Norte do país.

Nós descobrimos no primeiro ano de governo, primeiro, que o governo anterior tinha destinado 4 bilhões de reais e apenas 2 bilhões de reais tinham sido contratados e, desses 2 bilhões, 80% tinham ficado na região Sul do Brasil. Nós então, tomamos a decisão de fazer com que o Pronaf pudesse atender às regiões brasileiras sem deixar de atender ao Sul do Brasil, atender o conjunto dos estados brasileiros, sobretudo aqueles estados mais necessitados. E aí, descobrimos duas coisas, meu caro Smith, do BNB, meus companheiros do Banco do Brasil e do Basa e meus companheiros dos Sem-Terra, da Fetraf e da Contag, descobrimos duas coisas: primeiro, nem o próprio movimento sindical estava totalmente preparado para preparar a sua categoria para ir ao banco retirar o dinheiro. Segundo, os gerentes do Banco do Brasil, do BNB e do Basa, há muito tempo tinham desaprendido a emprestar dinheiro para pobre, há muito tempo. Até porque era muito mais fácil, do ponto de vista da praticidade, emprestar todo o dinheiro para um cidadão sozinho, que chegava lá bem vestido, com chapelão, quem sabe até com um charuto na boca, e levava tudo, de uma vez só atendia uma pessoa, quem sabe em alguns casos até ganhasse um presentezinho, do que atender milhares de companheiros que chegavam ao banco com a roupa do corpo, de chinelo, às vezes não sabendo nem falar. Não pensem que foi fácil fazer essa mudança, foi todo um trabalho de preparação para que as pessoas acreditassem no



Programa, e para que os gerentes do banco se preparassem para atender a gente humilde do Brasil.

Por isso – e é importante vocês saberem, o Plano Safra é de junho a julho do outro ano – no Plano Safra que nós herdamos, de junho de 2002 a julho de 2003, tinham sido liberados apenas 2 bilhões e 20 milhões de reais e tinham sido atendidas apenas 900 mil pessoas. Nós tomamos uma decisão de fazer com que fosse dobrada a possibilidade de recursos e colocamos 5 bilhões e 400 milhões de reais à disposição do Programa.

Para nossa grata surpresa, no primeiro ano nosso, nós saímos de 2 bilhões e 200 milhões para 4 bilhões e 400 milhões de reais, dobrando não apenas o número de pessoas, mas aumentando o número de contratos e levando isso para o Nordeste brasileiro e para o Norte do país. E na safra 2004/2005, que terminou agora em junho, nós colocamos 7 bilhões. Desses 7 bilhões, os bancos estão fechando agora o total e nós, certamente, chegaremos a 6 bilhões e 250 milhões de reais, três vezes mais do que aquele que nós herdamos no primeiro ano de governo. Nós saímos de 2 bilhões para 6 bilhões e 250 milhões de reais e quem sabe o que significa isso sabe o que significa três vezes mais dinheiro na mão do povo brasileiro.

Mais ainda, para demonstrar a nossa credibilidade na agricultura familiar, no companheiro que trata a sua família a partir do seu esforço, trabalhando a sua terra, este ano nós demos mais um voto de credibilidade aos trabalhadores rurais e saímos de 7 bilhões para 9 bilhões de reais para financiar o Plano Safra de 2005 a 2006. E peço a Deus, companheiro Amorim, companheira Amorim e companheiro Mané Serra, peço a Deus que vocês, ao invés de chegar em maio do próximo ano e pedirem audiência comigo para dizer que os trabalhadores não pegaram do dinheiro, eu peço a Deus que em janeiro ou fevereiro vocês me procurem dizendo: “Presidente, o dinheiro do Pronaf já acabou e nós precisamos de mais dinheiro para poder ajudar.” E



podem ficar certos que nós vamos buscar esse dinheiro para financiar a agricultura familiar.

Mas não é apenas o significado do dinheiro. Por que aqui no Nordeste? Primeiro, porque não é todo presidente da República que tem coragem de vir perto do povo pobre deste país. Não é todo. É muito mais fácil anunciar no Palácio do Planalto, com toda a imprensa lá, dá no Jornal Nacional, dá no Jornal da Record, dá no Jornal do SBT, dá nas rádios, dá na imprensa. Não. É melhor vir aqui para dizer o seguinte: nós, governador Jarbas e governador Ronaldo Lessa, nós somos a oportunidade de fazer com que o Nordeste brasileiro se transforme numa região desenvolvida, geradora de empregos, geradora de renda e criando a oportunidade para esse povo deixar de ser visto pelo restante do Brasil como a parte sofrida do nosso país.

Eu saí desta terra em 1952, com sete anos de idade, saí desta terra para fugir da fome, saí desta terra para ganhar a vida em São Paulo. E quis Deus que as circunstâncias levassem o retirante de “pau-de-arara” de Caetés, Garanhuns, a se transformar em Presidente da República deste país.

Isso não é pouca coisa, porque o Brasil não estava preparado para isso. O povo estava, mas alguns setores da política brasileira não estavam preparados, afinal de contas, trabalhador nasceu para trabalhar, camponês nasceu para capinar, estudante nasceu para estudar e quem tem que fazer política são os de sempre. Nós somos a negação disso. E nós somos a prova de que somos melhores do que eles.

Nós terminaremos essa safra com 2 milhões de agricultores fazendo contrato. É mais do que o dobro daquilo que nós pegamos, que eram 900 mil trabalhadores. Vamos chegar a 2 milhões de trabalhadores. O dinheiro emprestado vai ser 25% maior que o da safra passada, mas será 121% a mais que a do governo anterior. O dinheiro colocado para a próxima safra é 48% a mais sobre essa safra agora, mas será 380% a mais do que o dinheiro colocado pelo governo anterior.



Até agora, nós já incorporamos 700 mil novas famílias no Pronaf e até 2006 nós vamos colocar, Rossetto, 1 milhão de pessoas, para que nenhum trabalhador rural deste país entre em um banco e saia sem o dinheiro para financiar sua produção. Este mês, governadores, Ronaldo Lessa e Jarbas Vasconcelos, eu vou inaugurar, eu vou ter o prazer de acender a luz em uma casa que vai significar, do ano passado para agora, 1 milhão de casas que receberam luz elétrica neste país e, se Deus quiser, nós iremos atender a totalidade das pessoas que não têm luz elétrica.

No Nordeste, a coisa vem melhorando e eu vou dar o número para vocês. O número de pessoas que fizeram contrato no Pronaf, governadores, subiu 85% e o dinheiro aumentou 201%, Lessa, em 31 meses de governo. Imagina a hora que tiver 60 meses, 70 meses, o que não vai acontecer neste país.

Mais importante, o Pronaf, hoje, está chegando a 5 mil e 311 municípios, quase a totalidade dos municípios, lógico que não vai ter Pronaf em Recife, não vai ter Pronaf no Guarujá, não vai ter Pronaf em Brasília, Brasília até tem porque tem uma área agrícola, mas não vai ter Pronaf nas cidades em que não tem agricultura, em que não tem agricultura familiar, mas são quase todos os municípios brasileiros presentes e só tem dois programas no Brasil. É importante, meu querido Amorim, minha querida... eu falo pelo segundo nome, minha companheira Amorim também, deixa eu pegar aqui só o nome da companheira da Fetraf, Graça, a nossa querida Graça, e o companheiro Mané Serra. Só para vocês terem idéia, só tem dois programas no Brasil que atingem todos os municípios brasileiros, são o Pronaf e o Bolsa Família.

Aqui, em Garanhuns, nós temos 8 mil e 36 famílias recebendo o Bolsa Família. No estado de Pernambuco, governador, no estado de Pernambuco, são 568 mil 788 famílias que recebem o Bolsa Família. Em Garanhuns, no meu governo, foram criados 8 mil e 758 empregos com carteira profissional assinada, mais 1.157 novos em 2003.



Pois bem, em Pernambuco foram criados 711 mil e 192 empregos formais, mais 42 mil e 255 novos de 2003 a 2005. Só para vocês terem idéia do porquê algumas pessoas estão inconformadas. De 1994, prestem atenção na data, de 1994 a 2002, a média mensal de empregos criados no Brasil, empregos com carteira profissional assinada, a média mensal foi de 8 mil e 39 empregos com carteira assinada. Nos 31 meses do meu governo, a média mensal de empregos criados com carteira assinada é de 104 mil empregos, todo mês, criados neste país.

Meus caros governadores, só para vocês terem idéia, em oito anos foram criados, o saldo positivo de empregos em oito anos do governo anterior foi 790 mil empregos. No nosso governo é de 3 milhões e 135 mil empregos.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, quando eu cheguei aqui, o meu chefe do Cerimonial dizia que era preciso vir rápido por causa da chuva, e eu falei para ele, que é do Rio de Janeiro, que se carioca tem medo de chuva, o nordestino dá graças a Deus que dê uma chuvinha, porque isso para nós não é estorvo, não é tormenta, isso para nós é uma bênção de Deus. Quem sabe, isso nem chuva seja, quem sabe, sejam lágrimas de alegria do sorriso de alguém lá de cima pela perspectiva do que vai acontecer no Nordeste brasileiro.

Meu companheiro Mané Serra, eu quero dizer que a nossa tarefa de lançar o Pronaf no Nordeste está cumprida e quero dizer, meu companheiro Amorim, que o contrato que nós fizemos com vocês, inclusive de fazer, nós vamos reajustar isso.

Mas eu vou dizer uma coisa para vocês que incomoda mais: nos últimos oito anos, aliás, nos últimos dez anos, só foi criada uma universidade no Brasil, a Universidade Federal de Tocantins, na cidade de Palmas. Teve duas outras aprovadas que não foram implantadas.

Nós, não apenas estamos criando três universidades novas, como nós estamos fazendo 31 extensões das universidades federais, levando para a



parte mais pobre do Brasil. É Garanhuns, é Caruaru, é o Vale do São Francisco, é o Vale do Jequitinhonha, é a Baixada Fluminense, é a parte mais pobre do Brasil, em que a juventude tinha que se retirar para ir estudar nas capitais. Não, agora não é mais o estudante que vai atrás da universidade, vão ser as universidades que vão para os lugares onde o povo mais precisa para poder estudar.

Eu quero terminar, meus companheiros, porque o outro discurso eu vou fazer daqui a pouco, e dizer para vocês o seguinte: eu sou um homem calejado, eu apanhei muito na vida, eu nunca, nunca na minha vida tive alguma coisa que eu não tivesse que lutar que nem um desgraçado para conquistar, nunca. E quem conhece a minha família, quem conhece os meus irmãos sabe que é assim. Nós estamos vivendo uma crise política, uma crise política em que todo dia tem uma denúncia aqui, uma denúncia ali, outra denúncia acolá, e até agora, como não tem o resultado da CPI, vamos aguardar, porque a CPI é uma coisa importante para a investigação. Eu só espero que, quando terminar a CPI, os culpados sejam entregues num processo ao Ministério Público para serem processados. Espero que o Ministério Público mova uma ação e quem deve pagar, pagará, seja do PT, seja católico ou evangélico, seja do PMDB, não tem cor, não tem raça, não tem sexo, não tem ideologia, todos precisam pagar. Mas também eu peço que aqueles que não cometeram nenhum delito e que os seus nomes ocuparam manchetes de jornais, na hora em que for provado que eles são inocentes que, pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente. Vamos ser duros com os culpados e vamos ser justos com os inocentes porque, muitas vezes, o que a gente percebe é que mistura o arroz com a casca e depois a gente não sabe se vai separar o joio do trigo. E eu acho que pode ter muitos culpados e pode ter muitos inocentes. E a única coisa que um presidente da República pode querer é que haja justiça, para o bem e para o mal.



Por isso é que eu quero que vocês saibam o seguinte: eu já vi nos jornais alguém dizer: “precisamos fazer o presidente Lula sangrar, para ele chegar fraco na eleição de 2006”. Eu ainda nem disse que sou candidato. Mas tem gente que fala: “é preciso fazer ele sangrar, para ver se ele chega fraco às eleições”. Outros dizem: “ah, seria bom se o presidente Lula não concorresse à reeleição”. Ora, não fui eu que aprovei a reeleição. Pelo contrário, o mandato era maior. Com medo que eu ganhasse em 2004, eles diminuíram. Depois, eles ganharam, e aumentaram. Eu, na Constituinte, votei para não ter reeleição. Mas, agora, dizer: eu não posso concorrer. Com base em quê? Com medo de que eu possa provar que em quatro anos eu fiz mais do que eles fizeram em oito anos. Eu penso que é preciso a gente sempre ficar atento a tudo que a gente lê, a tudo que a gente vê. A gente tem que saber o que é verdade, o que é mentira, quem quer apurar ou quem quer fazer carnaval, quem está tentando ajudar ou quer atrapalhar, porque tem gente que dizia: “o Lula não pode ganhar as eleições porque ele não fala inglês, como é que vai ser a relação dele com o mundo?”.

O resultado, meus queridos governadores é que, desde que eu entrei no governo, todo mês nós batemos recordes de exportação neste país. O dado concreto é que o Brasil nunca teve a credibilidade que tem lá fora porque o que eu não aprendi na escola eu aprendi de uma mulher analfabeta, que é ter dignidade e ter vergonha na cara, respeitar e ser respeitado, é isso que eu faço com os outros e é isso que eu quero que façam comigo. Se querem respeito, me respeitem, porque eu não devo a minha eleição a favor de ninguém, eu devo a minha eleição ao povo deste país, que acreditou e votou e é a eles que eu prestarei contas no momento certo.

Eu nunca disse a ninguém, estão aqui governadores e prefeitos, estão aqui ministros e deputados, eu nunca disse se seria ou não candidato à reeleição, até porque eu tenho o compromisso de governar, no momento certo



eu direi. E vou dizer: se eu for, com ódio ou sem ódio, eles vão ter que me engolir outra vez, porque o povo brasileiro vai querer.

Muito obrigado, companheiros e companheiras, e até outro dia, se Deus quiser.